

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Sandra Beatris Diniz Ebling¹

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
sandra.ebling@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo trata de algumas reflexões em torno do atual contexto social, do papel da escola frente a este contexto e do papel do educador frente as necessidades sociais e interesses de seus alunos. Propõe uma breve discussão a respeito das maneiras mais adequadas de aproximação entre o conhecimento científico e os sujeitos aprendentes e revela a importância da problematização contextual dos saberes para que sejam apreendidos pelos alunos. Em fim, o trabalho em questão propõe que se estabeleçam relações dialógicas não dogmáticas entre educandos e professores em que os alunos se sintam seguros o bastante para que permitam ao educador conduzi-los à construção do conhecimento.

PALAVRAS CHAVE: Problematização, Reflexão, Relações Dialógicas.

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o atual contexto verificamos que a educação, em nossa sociedade, encontra-se em crise, e muitos são os fatores que colaboram para o agravamento da situação que constatamos, entre eles podemos citar : os professores são mal remunerados; as escolas são mal equipadas; as famílias, dependendo do contexto, dão pouca importância à educação de seus filhos; os pais estão perdendo a autoridade e a autonomia diante das crianças e dos jovens e, principalmente, os professores estão pouco preparados, pois o professor não aprendeu a apreender, como argumenta Lopes:

¹ Enfermeira graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI - Campus Santo Ângelo/RS); Pós-graduada em Saúde da Família pela Faculdade Internacional de Curitiba Facinter; Docente na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI - Campus Santiago/RS); Mestranda em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI, Campus Ijuí/RS). Rua: Silveira Martins, 2391, Centro – CEP: 97700-000, Santiago/RS. Fones: (055) 3251-5023 ou (55) 9631-3931. E-mail: sandra.ebling@yahoo.com.br

Para o aprendiz se capacitar a ensinar é preciso à reconstrução do conceito a ser transmitido, por meio da organização coerente do pensamento. Não há ensino onde não houve aprendizagem, não existe a passagem do conceito por mera repetição do dito, como informações percorrendo uma correia de transmissão. (2007, p. 60).

Nessa perspectiva, torna-se um problema para os educadores atuarem no cenário atual tanto no ensino fundamental, como no ensino médio e superior, visto que, em algumas situações, passam por processos de formação aligeirados, o que não lhes dá suporte pedagógico em termos de conhecimento e de metodologias. Enfim, são muitas as problemáticas que marcam o contexto educacional e concorrem para que o desempenho de nossos estudantes esteja cada vez mais baixo. Além disso, é preciso reconhecer que o papel da escola vem se resignificando, pois diante de novas problemáticas se fazem necessárias novas soluções, ou seja, para que as sonhadas mudanças sociais ocorram é necessário que a escola trabalhe para isso considerando a realidade na qual a mesma está inserida, é o que nos diz Carvalho:

As necessárias transformações dos sistemas educacionais sejam de boa qualidade para todos, com todos e por toda vida, além de idealizações calcadas em desejos, devem apoiar-se em informes objetivos que permitam conhecer como a realidade se apresenta, para que ações de mudança sejam implementadas, segundo as especificidades e carências de cada sistema. (2008. p. 58)

Para fazer frente a esses problemas, não existem receitas mágicas ou saídas perfeitas. Todavia, certamente, o enfrentamento dessa realidade requer que iniciemos um processo de reflexão sério e aprofundado sobre as questões envolvidas nessa crise. Não basta testarmos novas metodologias, experimentar novas formas de ensinar, colocar novas tecnologias na sala de aula, etc.

É necessário vencermos a visão “aproblemática” e “ahistórica”, portanto, dogmática e fechada, como mencionam os autores: Pérez, et al.:

Onde transmitem-se os conhecimentos já elaborados, sem mostrar os problemas que lhe deram origem, qual foi a sua evolução, as dificuldades encontradas etc., e não dando igualmente a conhecer as limitações do conhecimento científico atual nem as perspectivas que, entretanto, se abrem. Perde-se assim de vista que, como afirma Bachelard (1938), “todo o conhecimento é a resposta a uma pergunta”. (2001. p. 131).

Corroborando com os autores, enfatizamos a importância de concebermos um aprendizado embasado no discernimento do conhecimento científico por intermédio da problematização, da contextualização, pois o papel do professor é,

Criar uma linguagem acessível aos alunos, uma interligação entre diversos domínios ensinados" [...] "o ensino deve partir daquilo que os alunos já conhecem e erros e obstáculos devem ser encarados como ferramentas para ensinar, sendo identificados não como uma punição para o aprendiz, mas como pista de qual é a origem dos obstáculos para transpô-los." (SANTOS, 2005, p. 29).

E, dessa forma, evitando-se o processo de mecanização que leva aos obstáculos que dificultam o professor de entender por que o aluno não consegue compreender. Para isso, é pertinente de que os professores conheçam as concepções dos alunos, isto é, que tenham clareza dos conhecimentos anteriores ao processo de ensino dos alunos. (BACHELARD 1938 apud LOPES, 2007).

ALTERNATIVAS PARA EFETIVAÇÃO DE UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVO

Uma das estratégias para que o professor conheça seus educandos baseia-se na filosofia de Kuhn Zylbersztajn (1991 apud OSTERMANN, 1996) em que sobressai a proposta de que os alunos sejam encarados como cientistas Kuhnianos. Os passos instrucionais delineados, nesta estratégia, são:

- 1) Elevação do nível de consciência conceitual: os alunos, nessa etapa, devem conscientizar-se de suas concepções alternativas.
- 2) Introdução de anomalias: O objetivo principal desse passo instrucional é criar uma sensação de desconforto e insatisfação com as concepções existentes, através do conflito entre estas e o pensamento científico. Demonstrações, experimentos, argumentos teóricos podem ser aplicados. É o equivalente instrucional ao período de ciência extraordinária, no modelo de Kuhn.
- 3) Apresentação da nova teoria: os alunos recebem um novo conjunto de ideias que irão acomodar as anomalias. O professor faz, então, o papel de um cientista tentando "converter" outros a um novo paradigma, de outra ordem.
- 4) Articulação conceitual: neste estágio, esforços são dirigidos para interpretação de situações e à resolução de problemas. (1996. p. 194).

Para tanto, as ideias de Kuhn são de intensa relevância para o trabalho em sala de aula, sendo através da problematização do conhecimento e, conseqüentemente sobre a visão de ciência tão difundida nas bibliografias e nas aulas (“método científico”) como um efeito de seguir rigidamente os passos que se inicia com uma observação e finaliza em descoberta. (OSTERMANN, 1996. p.194).

Sendo assim, acreditamos ser de extrema relevância investir na problematização como estratégia de abordagem no trabalho educativo, buscando um novo modo de ensinar, que ultrapasse a simples condução de conhecimento.

Nessa perspectiva, faz-se necessário que o trabalho educativo deva consistir nas relações dialógicas, pelo estímulo à atividade de reflexão, pela multiplicação de informações através do diálogo e na construção de ideias, pois não se aprende pelo acúmulo de informações. As informações somente se transformam em conhecimento na proporção em que modificam o espírito do aprendiz. (BACHELARD 1975 apud LOPES, 2007).

Como argumenta Bachelard (1975 apud LOPES, 2007):

Está no ato de ensinar a melhor maneira de aprender, de avaliar a solidez de nossas convicções. Assim sendo, o trabalho educativo consiste essencialmente em uma relação dialógica, na qual não se desenvolve apenas o intercâmbio de ideias, mas na construção. Não existem respostas prontas para perguntas previsíveis, mas a constante aplicação do pensamento para a elaboração de um intertexto. (p.57,58).

Contudo, o conhecimento não se transmite, ele se enuncia e é interpretado pelo outro, provoca o outro a pensar e a refletir sobre o que foi falado. Por isso o trabalho educativo não pode ocorrer de maneira impositiva, arrogante e de postura dogmática, sendo relevante iniciar pela escuta, pela construção de vínculo e pelo empreendimento das relações dialógicas.

Um caminho para o mestre se distanciar dessa postura dogmática é o de procurar, também ele, ser aluno. Ser aprendiz entre seus pares. Afinal, a cultura científica exige o papel de estudante de todos os seus participantes. Os verdadeiros cientistas são aqueles que se colocam como estudantes, frequentando a escola uns dos outros, no inesgotável processo de ensinar e aprender. (BACHELARD apud LOPES, 2007, p. 61).

Corroborando com o autor, acreditamos que a educação necessita estar voltada à compreensão do mundo e à busca de melhores condições de vida para todos, promovendo a capacidade de pensar e de se posicionar. Desse modo, ressaltamos a importância de concebermos o ser em sua complexidade, enquanto dotado de cognição, de cultura, de aspectos emocionais, físicos, psicomotores, orgânicos e sociais.

Por fim, todos esses fatores reafirmam a importância do estabelecimento de relações dialógicas e de respeito ao outro e de ampliação da visão de mundo. Isso porque é através da consideração da opinião do outro, dos saberes do outro que nos conduz um saber amplo e a ascensão coletiva das responsabilidades pelos rumos do mundo. Além disso, faz parte do papel do professor a valorização dos saberes empíricos e que seus alunos carregam com sigilo, principalmente aqueles conhecimentos que utilizamos diariamente sem nos darmos conta de que são conhecimentos escolares ou científicos que trazemos a tanto tempo que já nos esquecemos que são saberes construídos por outros e que nos apossamos, pois são valiosos em nosso cotidiano.

Conforme relata Bachelard (1975 apud LOPES, 2007, p. 62): “[...] A função do mestre consiste, portanto, em comunicar, sem imposições dogmáticas, a dinâmica do racionalismo. O professor é aquele que faz compreender ou, em um estágio mais avançado, faz compreender melhor”[...].

Contudo, a relação/interação que o educador estabelece com o aluno, deve ser respeitada, isto é, o aprendizado só pode ocorrer se a inteligência do aluno for respeitada. Para haver esse respeito ao aluno, é preciso participar, problematizar, ressignificando as concepções de respeito, estabelecendo com ele a vigilância mútua do saber-aluno-mestre e mestre-aluno e não tentar enganá-lo com a comodidade. (BACHELARD apud LOPES, 2007).

CONCLUSÕES

Ao concluirmos este trabalho, podemos reafirmar nosso desejo de que esperamos que, durante o processo educativo, os educadores possam valorizar a interação, o respeito, o diálogo, pois “quando os mestres se revelam aos alunos, também estes se revelam a seus mestres” (ARROYO, 2005.p.82), e o educando

Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v. 9, n. 2, dez. de 2010.

<http://revistas.facecla.com.br/index/reped>

“almeja um ambiente agradável, com diálogo, com companheirismo, com respeito. Ele almeja uma relação de confiança em sala de aula” (QUADROS. 2005. p.5). se o professor conseguir criar este ambiente em suas aulas estará colaborando para o enfrentamento dos obstáculos pelos quais o aluno passa no seu processo de mudança de cultura, de modo que possamos problematizar frente as dificuldades e, com isso, buscar respostas que oportunizem novas visões de mundo aos indivíduos, mantendo viva a chama do processo de contradizer conhecimentos anteriores estabelecendo uma nova cultura. (BACHELARD 1947 apud LOPES, 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres.** 2ª. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico.** Porto Alegre: Mediação. 2008.

LOPES. Alice C. **Bachelard: o Filósofo da Desilusão.** IN: Caderno Catarinense de Física. Santa Catarina: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina. 1997.

LOPES, Alice C. **Currículo e Epistemologia.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

OSTERMANN. Fernanda. **A Epistemologia de Kuhn.** IN: Caderno Catarinense de Física. Santa Catarina: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina. 1997.

PÉREZ, Daniel G. Et. al. **Para uma Imagem não Deformada do Trabalho Científico.** IN: Revista Ciência e Educação, v. 7, n. 2. Bauru: UNESP, 2001.

QUADROS, et al. **Os professores que tivemos e a formação de nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória.** IN: Revista Ensaio-Pesquisa em Educação. Vol. 7. n. 1 2005. Disponível em: www.fae.ufmg.br/ensaio.

SANTOS, R. **Conteúdos Matemáticos da Educação Básica e sua Abordagem em Cursos de Licenciatura em Matemática.** São Paulo: PUC, 2005.